

# ARQUIVO 6

## 1001 PROJETOS E UMA CIÊNCIA NOVA

**"Ignacy Sachs costuma dizer que precisaria dedicar-se a escrever um livro que relatasse aquele milhar de projetos que concebeu em sua vida e ... que nunca foram implementados"**

Dentre as *boutades* com que diverte suas platéias de estudantes, Ignacy Sachs costuma dizer que precisaria dedicar-se a escrever um livro que relatasse aquele milhar de projetos que concebeu em sua vida e ... que nunca foram implementados. Com efeito, uma variedade enorme de idéias foram alinhavadas por este infatigável pesquisador a quem seria razoável considerar um inventor de experimentos econômico-sociais.

Imaginar o renascimento do Zepellin como alternativa para o transporte na região amazônica, pensar um amplo projeto de desenvolvimento da piscicultura nas imensas represas brasileiras; viabilizar o pró-álcool explorando todas as possibilidades de utilização dos diversos subprodutos da cana em sua trajetória até tornar-se combustível; utilizar o potencial específico de variedades das diversas espécies

vegetais, ora produzindo alimentos de forma a eliminar bolsões de fome, ora viabilizando insumos energéticos; implantar numa cidade do interior uma rede de usos de tecnologias alternativas de baixo custo nos mais variados campos das necessidades sociais; aumentar a taxa de poupança da economia brasileira procurando eliminar as diversas formas de desperdício; tais são apenas alguns projetos com os quais Sachs exemplifica critérios, pressupostos teóricos e pistas para a ação em seus cursos sobre o desenvolvimento sustentável.

A miríade de projetos imaginados por ele poderia levar a uma série de considerações, notas que permitiriam traçar o perfil intelectual desse cientista que todos nós tivemos o prazer e a honra de conhecer e estudar. Alguns poderiam apontar a imaginação criadora digna de um ficcionista da ciência;

alguns veriam neles uma utopia das possibilidades de intervenção da racionalidade técnica própria ao contexto do pós-guerra; outros talvez sugeririam um traço romântico de uma personalidade marcada pela origem polonesa; muitos certamente anotarão a rebeldia quase obsecada contra a redundância das realidades expressas no e pelo mercado.

Todas essas observações, algumas mais outras menos pertinentes, permitiriam dizer alguma coisa interessante sobre essa extraordinária personalidade que tanta influência exerceu sobre a maior parte das pessoas que aqui se reuniram para, num movimento único, fazer uma homenagem e proceder a um balanço. De minha parte, gostaria de sugerir que esse milhar de projetos traz, em sua multiplicidade aparentemente heteróclita, uma unidade íntima que anuncia uma ciência nova, uma ciência de tal maneira ainda incipiente que nós mesmos não a compreendemos inteiramente, deixando que sua especificidade conceitual e epistemológica permaneça ainda atada e por consequência, submetida àquela que conhecemos por "teoria econômica".

\* Professor do Curso do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências Gerenciais da UNA-FCG/UNA.

† Texto apresentado no Seminário sobre a obra do Professor Ignacy Sachs, realizado em Belo Horizonte de 14 a 15 de agosto de 1997. Parte da Tese "*Vers une Théorie de la Richesse Sociale*" (EHESS-Paris, 1992), de Doutorado sobre a orientação de Ignacy Sachs, publicada no Brasil sob o título de "*Da Riqueza das Nações à Ciência das Riquezas*" (Editora Loyola, 1995).



Para que a tese que vamos sugerir possa ser compreendida, será necessário definir o escopo dessa ciência, que muitos conhecem por “economics”. Especificando seu objeto, perceberemos em que medida as reflexões e inquietudes emanadas pela bulimia imaginadora do Professor Sachs não se enquadram nela, e isto pela definição mesma que foi construída como sendo seu escopo. Uma vez esclarecido este ponto, poderemos então intuir que a perspectiva embrionária inscrita na variedade de temas tratados, projetados ou simplesmente imaginados por Ignacy Sachs configura uma outra problemática científica, distinta daquela contra a qual seu pensamento se chocou anos a fio. Chegaríamos assim à conclusão de que sua obra não trata apenas de uma crítica dos “erros” e “equivocos da teoria econômica, mas de uma superação dos limites de seu objeto.

A “Teoria Econômica” foi construída por sucessivas contribuições que se superpuseram – aperfeiçoando, criticando e superando noções e teses como seria natural – a

partir das primeiras aproximações feitas no século XVIII pelos fisiocratas, por Smith, entrando no século XIX com as contribuições decisivas de Ricardo, Malthus, depois John Stuart Mill, estes destacando-se entre vários outros. Embora se possa fazer uma ou outra pontuação separando-os dos clássicos, os economistas hoje conhecidos por neoclássicos prosseguiram no caminho que havia sido, no essencial, indicado por Smith e Say ao afirmarem que a economia tratava dos valores de troca – e apenas daquilo que adquiria valor de troca no mercado. Tudo que não tivesse valor de troca seria ignorado pela ciência. Na mesma linha de raciocínio, ficava implícito que o “outro lado da moeda” do valor de troca – o valor **de uso** – ficava excluído da preocupação dos economistas. Só é objeto da reflexão econômica, disseram claramente Mill e Walras, aquilo que tem valor de troca. O que não tem valor de troca fica de fora, e o valor de uso, enquanto tal, não importa.

Essa interpretação do objeto científico da economia política (ainda, neste contexto, indistinta daquela que veio, mais tarde, a ser conhecida como “teoria econômica”) tinha sido explicitamente proposta por Ricardo quando afirmou que o valor de uso não fazia parte do

escopo da economia, no que foi seguido decididamente por Senior, Bastiat, Stuart Mill, Walras e praticamente todos os grandes economistas. Nesse sentido específico, foi seguido inclusive por Marx, que confirmou a formulação ricardiana de que os valores de uso não cabiam no escopo da economia. Ficariam, no máximo, circunscritos a uma teoria mercadológica. Os neoclássicos, a despeito de terem depositado na utilidade marginal a determinação do valor, também nunca se aproximaram da problemática dos valores de uso, mesmo em domínios específicos ou secundários. O valor de uso, aqui, era apenas um pressuposto formal, indeterminado, do valor de troca, nunca se tornando problema a ser analisado.

Trabalhando nesta direção, a teoria econômica tornou-se nitidamente uma teoria do sistema de trocas – o mercado, dos preços e dos processos de acumulação de capital (tomado como valor acumulado) que marcam o desenvolvimento. Cabia a ela explicar os mecanismos de determinação dos preços relativos, portanto, de uma relação de troca, ou dos preços de produção, os “valores”, que eram uma determinação anterior dos valores relativos. Ora explicando o problema do encarecimento relativo de insumos fundamentais (com

**Por que apenas o valor de uso da mercadoria força de trabalho teria a propriedade de produzir uma troca não-equivalente, de constituir um elemento explicativo da dinâmica da economia?**

\*\*\*\*\*

Ricardo, Malthus ou Mill) e suas conseqüências sobre a prosperidade econômica, ora explicando de que maneira os preços relativos eram determinados num mercado tendente para o equilíbrio (com Walras, Jevons ou Bohm-Baverek), suprimindo a problemática anterior (a questão do progresso e da estagnação), a teoria econômica unificava um escopo que englobava as diversas correntes, mais ou menos antagonistas, numa teoria das trocas no mercado, teoria das relações de valor e teoria da acumulação de valores de troca.

Esta situação permaneceu inalterada na primeira metade do século XX, tendo sido plenamente confirmada na teoria keynesiana. No momento em que a problemática do desenvolvimento assumiu a vanguarda da ciência, o que se deu nos anos que se seguiram à IIª Guerra, os valores de uso permaneceram com um papel ainda secundário, embora alguma coisa houvesse mudado. Na verdade, a operação de exclusão dos valores de uso tinha se tornado mais difí-

cil uma vez que as estratégias de desenvolvimento requerem análises de setores produtivos dentro das características geoeconômicas dos diversos países ou regiões, descendo eventualmente aos bens de capital e de consumo mais relevantes, às alternativas tecnológicas. Entretanto, embora se fizesse referência aos diferentes papéis da agricultura, à importância da indústria de bens de capital, às opções estratégicas no campo da tecnologia e ainda que se mencionasse vez ou outra a racionalidade econômica das estratégias de obsolescência planejada, a questão essencial do desenvolvimento continuava sendo expressa nos grandes agregados "I", "S", "Y", nas relações capital/produto, coeficiente de capital, etc. Os valores de uso continuavam perfeitamente obscurecidos na formação dos grandes agregados macroeconômicos, identificando apenas aproximações das somas de valores de troca agrupados conforme seus destinos gerais: investimento, produto, consumo, gasto governamental...

Em nosso livro *Da Riqueza das Nações à Ciência das Riquezas* (Loyola, 1995) procuramos distinguir essa perspectiva teórica, que vai da economia clássica à mais moderna teoria econômica, chamando-a "Ciência dos valores". Poder-se-ia chamá-la também de ciência do mercado, das trocas mercantis, da acumulação de capital.

Nem mesmo Marx, que construiu uma poderosa linha divergente fundamentada numa teoria da exploração do trabalho constitui exceção a esta grande configuração do escopo da ciência econômica. Entretanto, não deixa de ser curioso e significativo que, apesar de ter fundamentado a mais-valia numa especificidade radical do *valor de uso* de uma mercadoria, a mercadoria *força de trabalho*, que tinha a particularidade (valor de uso) de produzir um valor maior de que recebia, Marx não vislumbrou que nesse momento ele tornava um certo valor de uso determinante da determinação mais fundamental do capitalismo – o lucro do capital. Por que os demais valores de uso deixariam de exercer determinação formal mais ou menos decisiva? Por que apenas o valor de uso da mercadoria força de trabalho teria a propriedade de produzir uma troca não-equivalente, de constituir um elemento explicativo da dinâmica da economia?

Esta pergunta Marx não fez a si próprio, e nenhum dos marxistas, tantos quantos tivemos a oportunidade de ler, a formulou claramente. Se não tivesse ficado preso à forma-equivalente do valor, considerando-se satisfeito com a descoberta de uma única mercadoria capaz de produzir “maior-valor” dentro de uma troca cujas características formais eram de equivalência, teria percebido que é na multiplicidade dos valores de uso e na especificidade de cada um deles que se constrói uma compreensão completa do processo de acumulação de capital.

Seja como for, quase unânime à direita e à esquerda o paradigma de que a acumulação de capital deve ser entendida como um fenômeno restrito ao universo dos valores de troca venceu inteiramente. Até hoje ele ainda não foi atingido – e isto tanto dentro das correntes dominantes, a *mainstreams economics*, como gostam de dizer os americanos heterodoxos, bem como nas correntes socialistas e social-democratas. A teoria econômica permanece ciência dos valores, seja no momento de afirmar a eficiência alocativa do mercado, seja quando busca afirmar os processos de acumulação, exploração e exclusão social, seja na forma de buscar a melhor gestão macroeconômica objetivando o pleno emprego e/ou o desenvolvimento.

## **É na multiplicidade dos valores de uso e na especificidade de cada um deles que se constrói uma compreensão completa do processo de acumulação de capital**

\* \* \* \* \*

A trajetória intelectual de Ignacy Sachs, sobretudo através de seu esforço em imaginar soluções alternativas concretas para o desafio do desenvolvimento, pavimentou um campo novo dentro da teoria do desenvolvimento. Em sua reflexão, já não bastava falar de investimento (“I”), mas de qual tipo de produto mais adaptado a um contexto sócio-econômico, que tipo de tecnologia usar tendo em vista as disponibilidades relativas não só dos diversos fatores de produção mas também de insumos naturais, que tipo de estruturas produtivas melhor possibilitariam a redução de desperdícios, que usos alternativos para recursos dados, etc. Na prática de sua investigação, Sachs trabalhou os valores de uso enquanto determinação fundamental, enquanto variável básica do processo de desenvolvimento nas diversas formações econômicas. Em cada um desse milhar de projetos inconclusos, Sachs plantou elementos de uma “teoria da riqueza social”, uma teoria econômica onde os valores de uso constituem

determinação fundamental da capacidade de acumulação e sobretudo das possibilidades distributivas de uma economia. Por extensão, constituem a base de definição das estratégias de desenvolvimento.

É importante compreender a particularidade e o significado dessa empreitada dentro da ciência econômica. Em nossa opinião, o Professor Sachs realizou, na prática da sua inquietude intelectual, e de sua rebeldia contra os automatismos da teoria econômica tradicional uma crítica epistemológica das ciências sociais em geral. Em primeiro lugar e antes de tudo, exercitou uma intensa integração entre as disciplinas da economia, da sociologia e da antropologia cultural. Isso, sem dúvida, é o mais evidente, embora talvez não seja o mais relevante, já que a interdisciplinaridade há várias décadas figura entre as mais conhecidas necessidades para a evolução das ciências sociais.

A radicalidade inovadora da sua economia do desenvolvimento foi ter praticado uma intervenção teórica que não se limitou a formular as leis mais gerais e abstratas que seriam doravante aplicadas aos diversos contextos; pelo contrário, levou incessantemente os princípios mais gerais que a investigação teórica lhe oferecia para “dentro” dos desafios e dos problemas concretos enfrentados na particularidade das situações-problema. Desta forma, cumpriu o desafio epistemológico de fazer ciência a nível da singularidade – a articulação concreta de valores de uso – inserida numa perspectiva geral – uma teoria da reprodução da riqueza social. Ao fazer isto, produziu uma ciência cuja tarefa não é apenas e simplesmente a de interpretar o mundo e formular leis de seu funcionamento – harmônico ou contraditório – mas de tentar transformar a realidade sobre a qual o cientista se debruça no momento mesmo em que a pensa. A teoria geral se articula doravante com as múltiplas possibilidades e problemas propostos pelas distintas formações socio-econômicas.

Debates epistemológicos que eclodiram entre os cientistas sociais não-apologéticos desde o final dos anos 70 e em especial a partir dos anos 80 põem em evidência a importância das intuições de Sachs e de sua prática científica. De tal

maneira sua abordagem era nova, freqüentemente não pode ser compreendida. De tal maneira era avançada mesmo entre os mais inquietos teóricos da economia, entre os mais reformistas, raramente pode ser aquilutada em seu significado profundo. Em nossa concepção, ele não fez teoria econômica (Leis gerais do intercâmbio ou da acumulação numa economia de mercado), mas, sim, investigou uma ciência da riqueza social, a nível de articulação social, econômica e tecnologicamente datadas e localizadas (contextos técnico, estilos de vida, quadro natural). Uma ciência debruçada sobre o real, suas contradições, seus desafios, não uma teoria genérica que se satisfaz em formular uma trama analítica – e que depois trabalha para enfiar a realidade para dentro de seus escopos.

Do ponto de vista epistemológico, o significado dessa empreitada atingirá o próprio futuro da ciência. Do ponto de vista econômico, aponta um caminho que escapa do impasse da normatividade estéril e desdobramentos tautológicos de teorias sempre cada vez mais sofisticadas, freqüentemente cada vez mais distantes da realidade que nos desafia e nos impacta. Na verdade, o processo de desenvolvimento se resolve menos na linearidade complexa de equações dinâmicas, mas na realidade da ar-

ticulação entre a vida urbana e rural, na inventividade e pertinência social e econômica da tecnologia, nas redes de infraestruturas e, nas instituições reguladoras do social, sua credibilidade e eficácia operativa, na economia de insumos, no cuidado com a natureza. Estes e tantas outras variáveis que compõem essa ciência que perscruta o fenômeno da *riqueza social*.

Hoje fazemos um balanço das suas idéias, nos interessando sobretudo os experimentos. Talvez não possamos nos vangloriar de enormes feitos práticos, assim como Sachs não pode se orgulhar da execução de numerosos dentre os projetos que concebeu. Isso apenas nos sugeriria a precocidade da empreitada intelectual. Se as realizações não fazem uma enciclopédia, a base teórica a cada dia que passa se faz mais sólida e as aplicações práticas mais necessárias. A história quase sempre caminha devagar para idéias radicalmente inovadoras. Mas o fato prático que temos em mão é que, no campo dos dois maiores desafios que a economia contemporânea nos propõe, qual seja a preservação do meio ambiente e a criação de empregos, a questão dos valores de uso se torna uma das variáveis centrais, em torno da qual serão elaboradas as estratégias de longo prazo.

# CARTA DE PRINCÍPIOS

---

**A** UNA, instituição civil, propõe-se, como Entidade Mantenedora de estabelecimento de ensino superior: ser agente de aprimoramento do HOMEM em formação universitária e manter-se em alerta através da educação permanente. Nessa dimensão, atua na área de Ciências Gerenciais e mantém a Faculdade de Ciências Gerenciais, com os cursos de Administração de Empresas, Comércio Exterior, Ciências Contábeis, Tecnologia em Processamento de Dados, Ciências Econômicas e Administração de Sistemas de Informação, além dos cursos de aperfeiçoamento, especialização e extensão através do CEPEDERH.

Para melhor explicar a sua filosofia, a UNA considera oportuno definir os valores e objetivos que devem nortear os cursos por ela mantidos, em consonância com os interesses nacionais permanentes.

Afirma, de início, sua integral adesão aos princípios da livre empresa e da livre iniciativa, ao mesmo tempo em que enfatiza

a valorização das atividades da microeconomia, sem desvinculá-las, porém, das atividades da macroeconomia, como a forma mais apropriada de fortalecimento econômico da Pátria.

Considera como elemento essencial ao desenvolvimento da livre iniciativa o clima de ampla liberdade democrática, pelo que define como núcleo da atividade educacional de seus cursos, a educação para a liberdade e para o serviço à comunidade.

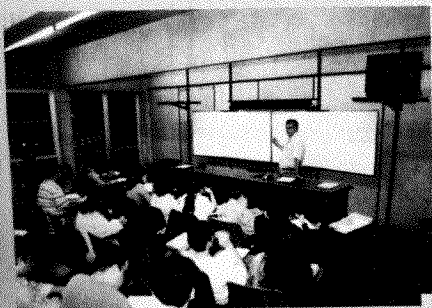
Quanto a seus cursos de Ciências Gerenciais, entende que:

- a formação do bacharel ou do profissional em Ciências Gerenciais não é o único objetivo;
- aspira a formação de profissionais aptos ao governo empresarial, autênticos “tomadores de decisão”;
- por consequência, seus cursos devem criar oportunidades para que surjam e se aperfeiçoem vocações para a liderança, formando reais “motiva-



**HONORIO TOMELIN**  
**Diretor Executivo**  
**UNA**

**Ciências Gerenciais**



dores de desempenho e agentes modificadores da realidade social”.

Assim, ministrando um curso profissional, seu objetivo se transcende ao da simples formação profissional, para:

- visar à formação integral do educando como **HOMEM**;
- instrumentalizá-lo não apenas como um especialista, mas, sobretudo, como um ser pensante;
- inseri-lo numa visão ética da profissão, habituando-o a subordinar a eficiência do desempenho do profissional aos valores permanentes da **VERDADE** e do **BEM COMUM**, e capacitando-o a perceber que, acima de seu compromisso com a empresa, está o interesse social, cabendo-lhe, como agente de transformação, colocar a empresa nessa perspectiva.

Entende, ainda, a UNA que a organização pedagógica de seus cursos, embora da competência exclusiva da instituição mantida,

deve se ajustar aos valores, objetivos e filosofia aqui definidos.

E quanto à organização curricular, que deve decorrer das decisões dos colegiados competentes do curso, julga que:

- se o objetivo é a formação integral do educando, é imprescindível que haja integração entre os programas das disciplinas que compõem o currículo;
- se o objetivo é a formação integral do educando, a organização curricular há de considerar também o diagnóstico do nível de formação intelectual do estudante que ingressa na UNA, promovendo formas de suprimento das deficiências constatadas;
- se o objetivo é a formação integral do educando são importantes as disciplinas da área profissionalizante e as de aprimoramento cultural; se o objetivo é a formação integral do educando, é essencial que o professor, que atua no curso, se identifique com os valores que norteiam a filosofia educacional da UNA.



# FACULDADE DE CIÊNCIAS GERENCIAIS - FCG/UNA

## Graduação

Habilitação em Administração de Empresas  
Duzentos e vinte (220) - turnos diurno e noturno

Ciências Contábeis  
Duzentos e vinte (220) - turnos diurno e noturno

Habilitação em Comércio Exterior  
Cento e cinquenta (150) - turnos diurno e noturno

Ciências Econômicas  
Oitenta (80) - turno diurno

Administração de Sistemas de Informação  
Oitenta (80) - turno noturno

## Tecnologia

Tecnologia em Processamento de Dados  
Cento e Dez (110) - turno diurno

## Quadro de vagas anuais dos cursos da FCG/UNA:

### 1º Semestre

Curso	Manhã	Noite
Administração	55	55
Contábeis	55	55
Comex	40	40
TPD	55	-
Economia	40	-
ASI	-	40
<b>Total</b>	<b>245</b>	<b>190</b>

### 2º Semestre

Curso	Manhã	Noite	Total
Administração	55	55	220
Contábeis	55	55	220
Comex	30	40	150
TPD	55	-	110
Economia	40	-	80
ASI	-	40	80
<b>Total</b>	<b>235</b>	<b>190</b>	<b>860</b>

## CENTRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS E DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS-CEPEDERH/UNA

### Lato Sensu

- Administração Financeira - XLII
- Administração de Recursos Humanos - XXXIX
- Administração Mercadológica - XXXIII
- Administração Estratégica de Sistemas de Informação - XXVIII
- Administração de Comércio Exterior - XV
- Gestão de Empresas - IV
- Negociações Agrícola Internacional

### Stricto Sensu

- **Mestrado em Comércio Internacional** - Acordo entre a Universidade de Marcelino Champagnat, Mendoza - Argentina, a ULAC - Universidade Latino Americana

e do Caribe, a Universidade das Américas de Santiago do Chile e a UNA - Ciências Gerenciais.

- **Mestrado em Contabilidade e Auditoria** - Acordo entre a Universidade do Minho, Braga - Portugal e a UNA - Ciências Gerenciais.

### Extensão

- Metodologia do ensino Superior
- Treinamentos gerenciais direcionados para Empresas Privadas
- Cursos Especiais para Bancos, Empresas e Órgãos

## UNA SHOPPING SCHOOL

- Treinamento e Desenvolvimento de profissionais que já atuam ou pretendem atuar em Shopping Centers (consultoria, cursos de extensão e pós-graduação)

## UNA EXCELÊNCIA

- Iniciativas educacionais visando a formação de profissionais certificados no uso e desenvolvimento de produtos em Tecnologia da Informação.

## UNA INTERNACIONAL

### Acordos

#### *Ohio University*

Atheusm, USA

Curso de Mestrado: Internacional Affairs

#### *Universidad Marcelino Champagnat*

Mendoza, Província de Mendoza, República da Argentina

Curso de Mestrado: Comércio Internacional

#### *Universidad de Córdoba*

Córdoba, Província de Córdoba, república da Argentina

Curso: Mestrado em Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas

#### *Universitá Degli Studi Di Torino, Itália*

Curso: Mestrado em Sistemas de Informação Contábil

### Credenciamentos

- Ministério de Educación y Ciência de Espanã
- Câmara de Comercio y Industria de Madrid



## IDIOMAS

### • **Curso de Inglês**

- Business English
- General Business Courses
- Business Skills
- Specialized Business Courses
- English for Academic Purposes:
- Academic Skills
- Academic Areas

### • **Preparation for Examinations**

- Cambridge First Certificate
- Cambridge Certificate of Proficiency in English
- Toefl
- Lets

- Michigan
- English for Business and Spoken
- English for Industry and Commerce
- Basic English Course
- English Grammar Course

### • **Cursos de Espanhol**

- Español de Negocios
- Preparación para Exámenes
- Diploma Básico de Español como lengua Extranjera
- Diploma Superior de Español como Lengua Extranjera
- Certificados Básico de Español de Los Negocios
- Certificado Superior de Español de Los Negocios
- Diploma de Español de Los Negocios
- Gramática de Español

## UNA Consult

**A** UNA-Consult é uma das atividades importantes relacionadas ao ensino e à pesquisa exercidas regularmente pela UNA - Ciências Gerenciais, Instituição de tradição e renome, cuja excelência é comprovada em mais de trinta anos de existência.

A UNA-Consult é uma iniciativa empresarial que complementa a missão fundamental da UNA-Ciências, de formação e treinamento em gestão empresarial.

A UNA-Consult se propõe a equacionar as soluções que as empresas sempre requerem, utilizando-se de

metodologia moderna e dinâmica.

Pretende, de maneira objetiva e prática, atender às necessidades empresariais, observando as condições que determinam suas realidades.

Essa proposta de trabalho é acessível à sua empresa, podendo ser demonstrado a qualquer momento por um dos nossos consultores.

A UNA-Consult é coordenada por profissionais competentes e com larga experiência profissional.

## UNA-LEX

*Ementário de Legislação Educacional Brasileira  
Registro no INPI nº 006539521, na classe 11.10  
Pesquisa e Organização: Prof. Antônio de Oliveira  
Assistentes: Valéria Cristina Cândido  
Virgínia Lúcia Teixeira*

**U**na-Lex data de 1976, com remissão à legislação educacional desde 1962. O ano de 1962 marca o início do funcionamento do extinto Conselho Federal de Educação, instalado logo após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, hoje revogada pela nova LDB. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

O acervo ou banco de dados Una-Lex compreende ainda legislação pertinente, com ênfase no ensino superior, anterior a 1962.

De 1976 a 1986, Una-Lex, a par da legislação compilada em fichas, publicou em convênio, o Boletim CONSAE.

De 1988 para cá, Una-Lex passou a trabalhar também com os Cadernos de Legislação, um trabalho atualizado de pesquisas, do professor Antônio de Oliveira. Em 1996 Una-

Lex atingiu mais de cinquenta títulos, por assunto, incluindo coletâneas anuais de 1986 a 1995.

O objetivo desses cadernos é o de tornar acessível um consolidado da legislação sobre cada assunto de interesse do administrador escolar ou secretário de escola superior, passando pelo registro do diploma, até a pós-graduação, inclusive.

Outra vertente do Una-Lex é a realização de Cursos de Legislação do Ensino Superior. Em 1996, no 1º semestre, realizou-se um desses cursos em convênio com a Universidade do Estado de Minas Gerais.

São clientes do Una-Lex, na sua maioria, instituições de ensino superior, universidades e estabelecimentos isolados, de todo o País.

Sensível a todos os matizes das ciências gerenciais, a UNA mantém, pois, há vinte anos, esse rico e fecundo manancial de informações sistematizadas e consolidadas, que, sem dúvida, muito tem contribuído para a gerência das atividades acadêmicas, do norte ao sul do Brasil.

## INTERPÚBLICOS

- Órgão de Assessoramento da UNA-Ciências Gerenciais que planeja e executa as relações entre a Instituição e o seu meio externo;
- Promoção de eventos que projetam a imagem institucional da Organização;
- Assessoria de imprensa, produzindo os jornais "Tempos

& Movimentos", editada duas vezes por semana; "UNAAD" e "Pré-Universidade";

- Produção de matérias, reportagens e releases para a grande imprensa;
- Apoio aos eventos internos e o calendário oficial da Instituição.

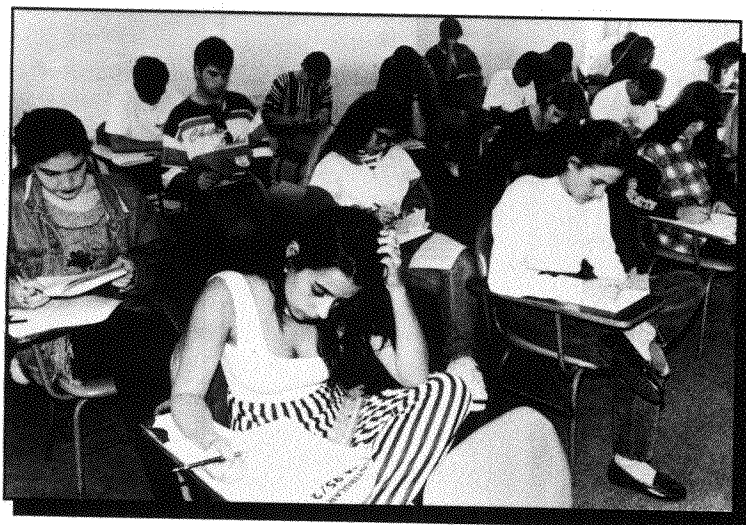
## **IPAT - Instituto de Pesquisas "Augusto Tomelin"**

- Promotor de estudos e pesquisas sobre assuntos científicos;
- Estabelece novas metodologias através da execução de trabalhos práticos;
- Divulga temas de interesse da comunidade, especialmente dirigidos a profissionais de áreas diversas;
- Organiza e opera contexto bibliográfico pertinente aos assuntos científicos estudados ou pesquisados;
- Celebra e mantém intercâmbio e convênios com entidades congêneres, estabelecimentos de ensino, organismos públicos e privados;
- Promove artigos e resultados do trabalho de seus membros.

### **Realizações:**

- Edição do Boletim nº 13 - A pesquisa em Ciências Gerenciais;
- Convênio IPAT/UNA com a Directa BDO - Edição semanal de Indicadores Econômicos e Financeiros;
- Convênio IPAT/UNA com o Mercado Comum;
- Editoração e publicação conjunta de peça documental sobre a vida econômico-social do Estado de M.G. - 1.000 personalidades 1995;
- Encontro Empresarial mensal sob a coordenação do Prof. Paulo Roberto Haddad, Prof. Carlos Maurício de Carvalho Ferreira, Prof. Wanderley Ramalho e Dr. Evaldo Luiz Barbosa Fontes.

## Coordenação do Vestibular



- É responsável pela realização da seleção de candidatos à vida acadêmica na FCG/UNA;
- Organiza dois Concursos Vestibulares durante o ano, no primeiro e no segundo semestre, respectivamente;
- Realiza um trabalho contínuo de divulgação dos cursos oferecidos pela FCG/UNA, organizando e participando de palestras e debates junto aos colégios de 2º grau e cursos Pré-Vestibulares em Belo Horizonte;
- Programa e organiza visitas à FCG/UNA, de alunos das principais Instituições de Ensino do 2º grau de Belo Horizonte.

## Escritório de Integração Empresa-Escola

- Oferta de estágios, empregos e oportunidades de experiência de trabalho para alunos;
- Manutenção de banco de currículo para oferta às empresas;
- Administração de convênios e acordos entre a UNA-Ciências Gerenciais e as empresas; Balcão de atendimento C.I.E.E.

## FUNDER - Fundo de Estudos Reembolsáveis

- Crédito Educativo Privado da UNA;
- Atendimento financeiro ao aluno necessitado durante sua formação acadêmica;
- De 20% a 80% do valor da mensalidade vigente;
- Carência de 6 meses após a formatura para reembolso do benefício concedido.

## UNA Júnior - UNA Júnior Consultoria Organizacional

- Complementação da formação profissional dos estudantes da FCG/UNA;
- Serviços de consultoria e assessoria às empresas com acompanhamento técnico pelo corpo docente da instituição;
- Colocação de alunos em contato com o mercado de trabalho, proporcionando-lhes as condições necessárias à aplicação prática de conhecimentos teóricos.

## Conselho de Editoração

- Publicação de trabalhos científicos e de livros técnicos nas áreas de Ciências Gerenciais;
- Incentivo a produção do conhecimento e às pesquisas.

## **AIESEC - Associação Internacional dos Estudantes de Ciências Econômicas e Comerciais**

**A**IESEC é a sigla da Association Internationale de Etudiants en Sciences Economiques et Commerciales, uma organização internacional, apartidária, independente, sem fins lucrativos e de propósitos educacionais.

Foi fundada em 1948, na Europa, por estudantes de sete países que sentiam necessidades de troca de informações técnico-gerenciais, a fim de auxiliarem na reconstrução daquele continente após a Segunda Guerra Mundial e promoverem um maior entendimento entre suas nações. Ao longo dos anos, a AIESEC expandiu pelo mundo e hoje conta com mais de 87 escritórios nos cinco continentes, sendo que doze destas representações estão em cidades brasileiras, como é o caso da AIESEC Belo Horizonte, que se encontra presente na FCG-UNA. Uma das poucas organizações estudantis reconhecidas pela ONU, mantém "status" consultivo na UNESCO, é considerada organização não-governamental pelo ECOSOC, tendo sido convidada pelas Nações Unidas como representante do setor estudantil na UNCED (Organização das Nações Unidas

para o Desenvolvimento). A AIESEC é também reconhecida pelo "Fórum do Príncipe de Gales", com o qual vem desenvolvendo atualmente um trabalho conjunto; o Programa "Educando Líderes para o Futuro".

Seus valores e princípios básicos residem na crença do respeito mútuo entre as culturas e na igualdade entre pessoas. Sua visão é de paz e seu objetivo principal o desenvolvimento dos países e cidadãos em todo o mundo. Afim de atingir seus propósitos, a AIESEC utiliza, dentre outras coisas, do entendimento e da cooperação internacional criando oportunidades de contrato e interação para jovens de diferentes culturas e nacionalidades, o intercâmbio.

Os estudantes, quer universitários e recém-formados, que compõem esta associação, realizam trabalho voluntário. Através da entidade, os mesmos adquirem habilidades e conhecimentos gerenciais, pois vivenciam experiências práticas que lhes permitem, sobretudo, interagir com seu ambiente sócio-econômico a nível global.

## **UNAAD - Associação dos Diplomados da UNA**

**A**UNAAD, fundada em 10/09/83, congrega os diplomados nos cursos superiores da UNA, a nível de Graduação e Pós-Graduação.

### **Objetivos:**

- Promover a união e a defesa dos interesses profissionais de todos os diplomados da UNA;
- Estreitar os laços sociais e culturais entre os associados e a UNA, contribuindo com esta na manutenção do bom nível de ensino e proteção de sua imagem no cenário nacional;
- Incentivar, por todos os meios, o civismo e o desenvolvimento moral e cultural dos seus associados;
- Promover a divulgação e a acumulação das técnicas, métodos e processos pertinentes às categorias profissionais dos associados;
- Cadastrar e manter um intercâmbio de informações en-

tre os diplomados da UNA, visando a sua total integração;

- Analisar ou elaborar estudos pertinentes ao desempenho das categorias profissionais dos associados, apresentando sugestões aos órgãos competentes responsáveis pelo processo decisório;
- Acompanhar as atividades da UNA e das entidades representativas das categorias profissionais dos associados, propondo medidas que possam contribuir eficazmente com o desempenho das mesmas.

A UNAAD, desde o ano de 1994, vem publicando o "Informe UNAAD", um periódico trimestral, especialmente dirigido aos diplomados, que aborda temas atuais de conteúdo técnico-científico, trazendo análise e informações na área das Ciências Gerenciais.

O informe vem, sobretudo, reforçar o compromisso entre a Instituição e seus eternos companheiros, forjado na mais consistente liga: a lealdade.

## **Sistemas de Informações Interligados**

• Internet

• Siscomex

• Renpac

• Minas-Mail

• TV a Cabo